

This story is brought to you by Ririro.com for free. Our mission is to give all children in the world free access to a variety of stories. The stories can be read, downloaded and printed online and cover a wide range of topics, including animals, fantasy, science, history, diverse cultures and much more.

Support our mission by sharing our website. We wish you a lot of fun reading!



# Ririro

IMAGINATION OVER KNOWLEDGE

Ririro

## A caixa de fada

“Gostaria de ter um bracelete mágico como o de Rosamond, que me picasse quando eu fizesse algo errado”, disse a pequena May, enquanto colocava de lado a história que estava lendo.

Não havia mais ninguém na sala, mas ela ouviu uma doce voz cantar estas palavras perto de seu ouvido: – “Olhe embaixo do travesseiro todas as noites. Se você foi boa, algo bom você encontrará. Mas se você foi travessa ou selvagem, algo ruim você encontrará, querida criança.” May ficou muito surpresa com isso e olhou em todos os lugares para ver quem falava, mas não encontrou ninguém.

“Acho que sonhei; mas meus olhos estão bem abertos e não posso inventar poesia, dormindo ou acordada. Quando ela disse isso, alguém riu; e a mesma voz cantou novamente, – “Haha você não pode me ver! Não conte isso a ninguém. Se você for paciente, uma fada de verdade virá ver a pequena May.”

“Oh, como isso será esplêndido! Vou me esforçar e ser tão boa quanto um anjo se eu conseguir dar uma espiada em uma fada viva. Eu sempre disse, havia pessoas assim, e agora vou saber como elas são”, exclamou a garotinha, tão feliz que dançou por toda a sala, batendo palmas.

Algo brilhante disparou para fora da janela entre as flores que estavam lá, e nenhuma outra música foi ouvida; então May soube que a voz havia partido.

“Eu tenho um bom segredo só para mim, e vou guardá-lo com cuidado. Eu me pergunto que presente virá esta noite,” ela disse, pensando que esta era uma brincadeira muito interessante.

Ela estava muito bem o dia todo e não fez barulho para ir para a cama, embora geralmente se preocupasse, quisesse brincar e pedisse água. Ela entrou em segurança em seu pequeno ninho e então estava com tanta pressa para ver o que havia debaixo do travesseiro que se esqueceu e gritou irritada para sua mãe:

“Apreste-se e vá embora. Não espere para pendurar minhas roupas! Vá, vá!”

Isso feriu os sentimentos de sua mãe, e ela foi embora sem seu beijo de boa noite. Mas May não se importou e tateou debaixo do travesseiro assim que a porta foi fechada. Uma lâmpada sempre ficava acesa; assim ela pôde ver a caixinha dourada que havia ali.

“Quão belo! Espero que haja algum doce nela,” ela disse, abrindo-a com muito cuidado.

Oh céus! O que você acha que aconteceu? Uma vespa voou e picou seus lábios; então a vespa e a caixa desapareceram, e May foi deixada para chorar sozinha, com uma dor aguda nos lábios que diziam as palavras indelicadas.

“Que presente terrível! Não gosto dessa fada rancorosa que manda coisas horríveis” — soluçou ela.

Então ela ficou quieta e pensou sobre isso; pois ela não ousava chamar ninguém, porque ninguém deveria adivinhar o segredo. Ela sabia em seu coração que as palavras rudes feriam Nursey como a picada em seus lábios, e ela sentiu pena. Na mesma hora a esperta melhorou, e quando ela resolveu pedir perdão à boa velhinha, tudo se foi.

Na manhã seguinte, ela beijou a mãe e disse que sentia muito, e se esforçou para ser boazinha até a hora do chá; então ela correu para ver que coisas boas eles teriam para comer, embora muitas vezes lhe tivessem dito para não entrar na sala de jantar. Ninguém estava lá; e sobre a mesa havia um prato de deliciosos bolinhos, todos brancos como bolas de neve.

“Preciso provar e depois conto para mamãe”, disse ela; e antes que ela percebesse, um pequeno bolo foi comido por inteiro.

“Ninguém vai sentir falta disso, e eu posso tomar outro chá. Agora, um torrão de açúcar e um gole de creme antes que a mamãe chegue.

Tendo feito uma coisa errada, May sentiu vontade de continuar; então ela mordiscou e se intrometeu com todos os tipos de coisas proibidas até que ouviu um passo, então ela fugiu. Ninguém sentiu falta do bolo, e sua mãe lhe deu outro, dizendo:

“Aqui, querida, este é um belo e rechonchudo bolo para a minha boa filha.”

May ficou vermelha e quis contar o que havia feito, mas ficou com vergonha porque havia companhia; e as

peessoas achavam que ela corava como uma menininha modesta ao ser elogiada.

Mas quando foi para a cama quase teve medo de olhar debaixo do travesseiro, sabendo que havia feito algo errado. Por fim, ela puxou lentamente a caixa e abriu-a lentamente, esperando que algo voasse para ela. Tudo o que ela viu foi uma minúscula bolsa preta, que começou a crescer imediatamente, até ficar grande o suficiente para segurar suas duas mãos. Em seguida, amarrou-se



firmente em torno de seus pulsos, como se para manter essas mãos intrometidas longe de travessuras.

“Bem, isso é muito estranho, mas não tão terrível quanto a vespa. Espero que ninguém veja quando eu estiver dormindo. Eu gostaria de deixar esses bolos e essas

coisas em paz”, suspirou May, olhando para a bolsa preta e tentando em vão liberar as mãos.

Ela chorou até dormir e, quando acordou, a bolsa havia sumido. Ninguém a tinha visto; mas ela contou à mãe sobre o bolo e prometeu não fazer mais isso.

“Agora este deve ser um dia realmente bom, cada pedacinho dele”, disse ela, enquanto se afastava, sentindo-se leve como uma pena depois de confessar seus pequenos pecados.

Mas é tão fácil esquecer e errar, que May estragou seu dia antes do jantar indo ao rio e brincando com os

barcos, apesar de muitas ordens para não fazê-lo. Ela não contou e foi a uma festa à tarde, onde estava tão alegre que nunca se lembrou da coisa travessa até estar na cama e abrir a caixa das fadas. Apareceu uma pequena corrente, que num piscar de olhos ficou comprida e larga, e se prendeu em seus tornozelos como se ela fosse uma prisioneira. May sempre tropeçava e ficava muito enojada por estar acorrentada dessa maneira; mas não havia como evitar, então ela ficou muito quieta e teve muito tempo para se arrepender. "É um bom castigo para mim, e eu mereço. Não vou chorar, mas vou - vou me lembrar.

Durante todo o dia seguinte, ela teve muito cuidado para evitar que seus lábios falassem mal, que suas mãos evitassem coisas proibidas e que seus pés não se mexessem. Nada estragou neste dia, ela se comportou tão bem; e quando mamãe deu o beijo de boa noite, ela disse:

"O que devo dar à minha boa filhinha, que tem sido gentil, obediente e ocupada o dia todo?"

"Quero um gatinho branco, de olhos azuis e com uma fita rosa no pescoço", respondeu May.

"Vou tentar encontrar um. Agora vá para a cama, querida, e tenha bons sonhos! disse mamãe, com muitos beijos nas bochechas rosadas, e o sorriso que era uma recompensa.

May estava tão ocupada pensando no gatinho e no bom dia que esqueceu a caixa até ouvir um pequeno "Miau, miau!" debaixo do travesseiro dela.

"O que é isso?" E ela levantou a cabeça para ver.

A caixa saiu; a tampa voou e ali, sobre uma almofada vermelha, estava um gatinho branco de cerca de cinco centímetros de comprimento. May não podia acreditar que estava vivo até que pulou do ninho, se espreguiçou e cresceu de repente do tamanho certo para brincar e ficar bonito. Seus olhos eram azuis, sua cauda como uma pluma branca e um doce laço rosa em seu pescoço. Ele dançou por toda a cama, subiu as cortinas, se escondeu sob as roupas, mordiscou os dedos dos pés de May, lambeu seu rosto, deu um tapinha em seu nariz com sua pata macia e piscou para ela de uma maneira tão engraçada que ela riu de alegria por ter este querido gatinho. Então, como se soubesse que a cama era o lugar para ficar quieto, o gato se aninhou em um pequeno canto e ronronou para que May dormisse.

“Acho que aquele gatinho querido vai sumir como todas as outras coisas”, disse May, ao acordar e procurar seu primeiro presente bonito.

Não; lá estava a coisa adorável sentada ao sol entre os vasos de flores, lavando o rosto e se preparando para brincar. Que bela brincadeira eles tiveram; e como todos ficaram surpresos ao ver exatamente o gato que May queria! Eles supuseram que veio como os gatinhos costumam vir; e May nunca disse a eles que era um presente de fada, porque ela havia prometido não contar. Ela ficou tão feliz com o gatinho que ficou bem o dia todo; e quando ela foi para a cama ela pensou:

“Gostaria de ter um cachorro para brincar com o querido Snowdrop e correr comigo quando eu for passear.”

“Uau, uau, uau!” veio de debaixo do travesseiro; e para fora da caixa trotou um cachorro preto encaracolado, com orelhas compridas, uma coleira prateada e olhos tão brilhantes e gentis que May não teve nem um pouco de medo dele, mas o amou imediatamente e o chamou de Floss, ele era tão macio e sedoso. O gato também gostou dele; e quando May estava com sono, os dois se aconchegavam na mesma cesta como dois bebês bonzinhos.

“O que vamos encontrar a seguir?” disse sua mãe, quando viu o cachorro pela manhã.

“Talvez seja um elefante, para encher toda a casa e assustá-lo”, riu May, dançando com Snowdrop perseguindo seus pés descalços, enquanto Floss balançava e rosnava sobre seus sapatos como se fossem ratos.

“Se o seu primo John quiser lhe dar mais animais, gostaria que ele mandasse um pônei para levá-la à escola e poupar minhas velhas pernas da dor de trotar atrás de você”, disse a mãe; pois May tinha um primo rico que gostava muito dela e frequentemente lhe dava coisas boas.

“Talvez ele vá”, riu May, muito feliz com a ideia de que foi uma fada, e não o primo John, que enviou as pequenas criaturas astutas para ela.

Mas ela não pegou o pônei naquela noite; pois à tarde sua mãe lhe disse para não se sentar no gramado, porque estava úmido, e May não se importou, ocupada com uma bela história. Então, quando ela pegou sua

caixa, um espirro alto pareceu explodir a tampa, e tudo o que ela viu foi um pedaço de flanela vermelha.

"Para que serve isso?" ela perguntou, muito desapontada; e como para responder, a tira de flanela enrolou-se em seu pescoço.

"Minha garganta está dolorida e estou rouca. Eu me pergunto como aquela fada sabia que eu estava sentada na grama úmida. Eu sinto muito; pois eu queria um pônei e poderia tê-lo se tivesse me importado", disse May, zangada consigo mesma por estragar toda a sua diversão.

Ela havia estragado tudo; pois ela estava tão resfriada no dia seguinte que não pôde sair de jeito nenhum, mas teve que tomar remédios e ficar perto do fogo, enquanto as outras crianças faziam um belo piquenique.

"Não vou desejar nada esta noite; Não mereço presente, fui tão desobediente. Mas tentei ser paciente", disse May, procurando a caixa.

A fada não a havia esquecido, e havia um lindo livro ilustrado, cheio de novas e belas histórias impressas em tinta colorida.

"Que esplêndido ler amanhã enquanto estou doente!" ela disse, e foi dormir muito feliz.

Durante todo o dia seguinte, ela gostou das belas fotos e histórias engraçadas, e nunca reclamou ou se afligiu, mas estava tão melhor que o médico disse que ela poderia sair amanhã, se estivesse bem.

"Agora vou desejar o pônei", disse May, em sua cama.

Mas não havia nada na caixa exceto uma pequena corda de seda vermelha, como um cabresto. Ela não sabia o

que fazer com ela naquela noite, mas fez na manhã seguinte; pois assim que ela estava vestida, seu irmão gritou do jardim:

“May, olhe para fora e veja o que encontramos no estábulo. Nenhum de nós pode pegá-lo, então venha e veja se consegue; seu nome está no cartão amarrado à crina dele.

May olhou e havia um pônei branco como a neve correndo pelo quintal. Então ela soube que o cabresto era para ele e correu para pegá-lo. No minuto em que ela apareceu, o pônei foi até ela e colocou o focinho na mão dela.

May ficou encantada e muito orgulhosa quando o pônei a deixou colocar a sela e as rédeas que estavam no celeiro prontas para uso. Ela pulou e desceu a estrada; e Will e mamãe e Floss e Snowdrop correram para ver a bela paisagem. As crianças na escola ficaram muito animadas quando ela veio trotando e todas queriam montar Prince. Ele era muito gentil e todos tinham uma carona; mas May se divertia muito, pois podia sair todos os dias para longos trotes na carruagem quando mamãe e Will partiam. May estava tão feliz e contente à noite que disse a si mesma enquanto estava deitada na cama: “Vou desejar algo para Will agora, e ver se consigo. Não quero mais presentes; Eu tive minha parte e adoraria doar para outras pessoas que não têm caixa de fadas. Então ela desejou um bom barco e na caixa havia uma chave com o nome “Nenúfar”. Ela adivinhou o que significava e pela manhã disse ao irmão para ir ao rio e ver o que ela tinha para ele. Lá estava um lindo barco

verde e branco, com assentos almofadados, uma vela toda aberta e no topo do mastro uma bandeirinha tremulando ao vento, com as palavras "Nenúfar" em letras douradas.

Will ficou tão surpreso e satisfeito ao descobrir que era dele que virou os calcanhares na grama, beijou May e saltou para dentro do barco, gritando: "Todos a bordo!" como se estivesse ansioso para experimentá-lo imediatamente.

Seguiu-se o mês de maio e eles navegaram rio abaixo, branco com lírios verdadeiros, enquanto os melros cantavam nos prados verdes de ambos os lados, e meninos e meninas paravam nas pontes para vê-los passar.

Depois disso, May continuou tentando ser boa e desejando coisas para si mesma e para as outras pessoas, até que esqueceu como ser travessa e se tornou a garotinha mais doce do mundo. Então não havia necessidade de fadas para ajudá-la; e uma noite a caixa não estava debaixo do travesseiro.

"Bem, já tive minha cota de coisas bonitas e preciso aprender a passar sem. Estou feliz por ter tentado; por enquanto é fácil ser boa e não preciso ser recompensada", disse May, ao adormecer, bastante feliz e contente, embora desejasse ter visto a fada apenas uma vez.

Na manhã seguinte, a primeira coisa que ela viu foi uma linda pulseira, brilhando sobre a mesa; e enquanto ela estava admirando, ela ouviu a pequena voz cantar: "Aqui está uma pulseira para a boa e pequena May, para usar

em seu braço de noite e de dia. Quando brilha como o sol, tudo está indo bem, mas quando você está mal, uma picada afiada dirá. Adeus garotinha!”

Quando as últimas palavras foram cantadas, bem diante de seus olhos ela viu uma pequena criatura balançando na rosa que estava ali em um vaso – uma linda fada, com asas como uma borboleta, um vestido transparente e uma estrela na testa. Ela sorriu e acenou com a mão enquanto se levantava lentamente e se afastava ao sol, até desaparecer de vista, deixando May com o bracelete mágico no braço e o feliz pensamento de que finalmente havia visto uma fada.